

SEXO EM KANT

SEX IN KANT

Maria BORGES¹

Universidade Federal de Santa Catarina / CNPq

O QUE KANT PODE NOS DIZER DE RELEVANTE SOBRE SEXO?

Se alguém quiser ler um filósofo sobre sexo, provavelmente escolherá Foucault ou Bataille, entre outros, mas nunca Kant. Quando se quer encontrar algo relevante sobre sexo, geralmente ninguém pensa em Kant. Ele nunca foi casado e, até onde sabemos, não teve relações sexuais. Conforme afirma Helga Varden no seu instigante livro *Sex, Love and Gender*:

Mencionar Kant e sexo numa mesma frase evoca na maioria dos filósofos as seguintes associações: um filósofo celibatário, uma defesa peculiar de uma visão teleológica natural da sexualidade, uma peculiar incorporação da sua teleologia natural na sua teoria moral baseada na liberdade e uma condenação ética forte do desejo e da atividade sexual livre, em geral, e do desejo e atividade que não visem a procriação em particular. (VARDEN, 2020, p115)

Ainda que eu não concorde com todas essas afirmações, realmente Kant é bastante conservador, manifestando em seus escritos uma visão preconceituosa em relação a vários temas relacionados à sexualidade, como relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, masturbação e prostituição². Esse texto não pretende defender a totalidade da visão kantiana sobre sexo, que considero presa em parte aos preconceitos de sua época. Não pretendo também dar razões que possam desculpar Kant por defender posições preconceituosas. Pretendo ressaltar, contudo, alguns pontos que considero importantes para uma discussão contemporânea sobre a objetificação. Considero que ele tem uma concepção instigante sobre sexo, que vou chamar de visão não emocional do sexo. Acredito que tal é importante quando levamos em consideração as relações íntimas contemporâneas e a objetificação dos parceiros/ as nos dias de hoje. Ao nos apresentar uma visão muito realista do que o sexo realmente é, ele nos auxiliará a evitar uma ilusão romântica que confunde sexo e amor.

<https://doi.org/10.36311/2318-0501.2024.v12n1.p151>

A PULSÃO SEXUAL COMO INSTINTO E COMO PAIXÃO

A pulsão sexual está relacionada ao instinto, o segundo nível da faculdade do desejo; enquanto instinto, os seres humanos compartilham-na com outros animais. Na *Anthropologia-Mrongovius*, essa inclinação, quando referida aos humanos, é tida como um instinto mais forte do que o dos animais.

A inclinação sexual na verdade não é uma paixão, mas apenas um instinto mais forte que é periódico, como se vê nos selvagens. Ela só se torna uma paixão através do poder da imaginação, e através do cultivo do poder da imaginação essa inclinação sexual é chamada de amor. (Anth Mrongovius, AA 25: 1361)

Na Antropologia Mrongovius, composta pelas anotações deste aluno das aulas ministradas sobre *Antropologia*, a inclinação sexual parece dar origem à paixão amorosa, quando acrescida da imaginação.

Na Antropologia do Ponto de Vista pragmático, contudo, há uma diferença entre a paixão natural sexual, como uma paixão natural e o amor como afeto e paixão.

Kant divide as paixões (*Leideschften*) em paixões de inclinação natural (inatas) e paixões procedentes da civilização dos seres humanos (adquiridas). As do primeiro tipo são a inclinação à liberdade e a inclinação sexual. As do segundo tipo são do desejo de honrarias, de poder e cobiça. As paixões inatas são classificadas como *passiones ardentes*; as adquiridas, como paixões frias (*frigidae*) (Cf. Anth, AA 7:268). As paixões, sejam elas inatas ou adquiridas, se dirigem apenas aos seres humanos e não a objetos:

Mas todas as paixões são sempre desejos dirigidos de seres humanos a seres humanos, não a coisas, e sem dúvida se pode ter muita inclinação a utilizar um campo fértil ou uma vaca, mas não afeto (que consiste na inclinação à comunidade com outros), e muito menos uma paixão. (Anth, AA 7: 268)

Segundo a citação, a paixões naturais também seriam desejos de seres humanos dirigidos a seres humanos e não a coisas. A paixão sexual não se reduziria à mera inclinação para a cópula presente nos animais:

Nos meros animais, mesmo a inclinação mais veemente (por exemplo, da cópula) não se denomina paixão, a única que fundamenta o conceito de liberdade e com o qual a paixão entra em colisão, paixão cujo surgimento pode, portanto, ser imputado ao ser humano. (Anth, AA 7:270)

Vê-se que há aqui uma distinção entre a inclinação sexual e a paixão sexual, mesmo que essa seja vista como uma paixão da natureza. Na *Antropologia* publicada, o instinto não se transforma em paixão de amor através da imaginação, mas numa paixão sexual. Algo semelhante nos é afirmado na *Doutrina da Virtude*: a inclinação sexual é também chamada de “amor”, mas num sentido restrito do termo, apenas enquanto um desejo forte que visa um prazer sensível:

A inclinação sexual também é chamada de “amor” (no seu sentido mais restrito do termo) e é, de fato, o prazer sensível mais forte que se pode ter num objeto. Não é meramente um prazer sensível, como em relação a objetos que aprazem na mera reflexão sobre eles (receptividade que chamamos de gosto). É antes um prazer a partir do sentir prazer com outra pessoa, que pertence à faculdade de desejar, e além disso, ao seu estágio mais elevado, a paixão. (TL, AA 6: 426)

Essa paixão da qual nos fala o texto é baseada num prazer sensível forte, não se restringindo à mera reflexão sobre o objeto do prazer. Ao mesmo tempo, ela não é um mero instinto, que partilhamos com os animais, tomando o lugar de uma paixão, quarto nível da faculdade de desejar, propriamente humana. Por outro lado, essa paixão não é amor de deleite ou amor benevolente, pois seu ardor a diferencia desses dois tipos de amor prático.

Ficaria a questão: a paixão sexual está entre o mero instinto e o amor prático, mas qual seria sua relação com o afeto do amor? E qual a diferença entre a paixão sexual e a paixão do amor?

O AMOR: AFETO E PAIXÃO

Ao falar do amor, Kant o faz como afeto e como paixão. O amor-afeto mostra sua intensidade, aliada à sua curta duração. Esse afeto torna o agente cego para falhas do objeto de amor. Felizmente, como o afeto não é permanente, essa cegueira irá desaparecer com o tempo: “Quem ama pode manter sua visão intacta; mas a pessoa que está apaixonada é inevitavelmente cega para os erros do objeto amado, embora este geralmente recupere sua visão uma semana após o casamento” (Anth, AA 7:253).

O amor romântico, ou o amor como afeto, é também difícil de esconder, e o amante é incapaz de controlar as manifestações dessa emoção, o que dificulta até mesmo a realização de seu objetivo, qual seja, de seduzir o amado:

Um amante sério é muitas vezes contido, desajeitado e pouco cativante na presença de sua amada. Mas aquele que apenas finge estar loucamente apaixonado, e que não tem outro talento, pode desempenhar seu papel com tanta naturalidade que atrai a pobre e enganada donzela inteiramente para sua cilada, só porque seu coração está desinibido e sua cabeça limpa. (Ant, 7:264)

É mais fácil, então, seduzir o homem ou a mulher amada se você não estiver apaixonado. O afeto amoroso não é apenas uma doença da mente, mas é um impedimento para seu próprio propósito romântico.

O amor poderia se transformar numa paixão? Kant considera que o afeto do amor, uma vez satisfeito fisicamente, perde sua força, não podendo tornar-se paixão. Como a satisfação do desejo é o fim do desejo, o amor nunca se tornará uma paixão se o amor físico for satisfeito: “uma vez que o desejo é satisfeito (pelo prazer), o desejo, pelo menos no que diz respeito à própria pessoa envolvida, também cessa. (Ant, AA 7: 266)

A única maneira de o amor romântico ser uma paixão é ele nunca ser satisfeito. O amor poderia então assumir o aspecto obsessivo de outras paixões, como a ambição. E se alguém enlouquece por amor, afirma o nosso filósofo, é porque já estava perturbado ao escolher um alvo impossível. Uma das possibilidades de escolher um parceiro errado, na época de Kant, era se apaixonar por alguém de posição social mais elevada.

Ao analisar a doença mental, Kant afirma que as pessoas dizem que “ele ficou louco de amor”, mas o fato é que ele já era louco: “Apaixonar-se por uma pessoa de uma classe de quem

esperar o casamento é a maior loucura não foi a causa, mas sim o efeito da loucura”. (Ant, AA 7: 217).

Este exemplo é analisado na seção sobre doença mental, indicando que se trata de uma doença que deve ser tratada. Enquanto o amor como paixão é considerado uma doença e tratado na parte reservada às doenças da mente, a paixão sexual não parece trazer em si nada de nocivo.

USUS MEMBRORUM ET FACULTATUM SEXUALIUM ALTERIUS

Ainda que a paixão sexual não seja uma doença que precisa ser curada, como é o caso da paixão do amor, devemos nos perguntar se ela não nos inclina a utilizar o outro apenas como meio para nosso prazer.

Kant nunca considerou que o sexo por si só poderia significar tomar alguém como um fim em si mesmo, o que ele deixa claro no início do § 24 da *Doutrina do Direito*, que versa sobre o direito matrimonial: “a união sexual (*commercium sexuelle*) é o uso recíproco que um ser humano faz dos órgãos e capacidades sexuais de um outro (*usus membrorum et facultatum sexualium alterius*)” (RL, 6: 277).

A união sexual é sempre objetificação; a distinção é se essa união está de acordo ou não com a lei: “A união sexual natural acontece, seja de acordo com a natureza meramente animal (*vaga libido, venus volgiva, fornication*) ou de acordo com a lei. A união sexual de acordo com a lei é o casamento (*matrimonium*)”. (RL, AA 6: 278).

Na § 25 da *Doutrina do Direito*, ele afirma que essa união sexual é objetificadora, pois o outro torna-se uma coisa, um objeto: “O uso natural que um sexo faz dos órgãos sexuais do outro é *prazer*, através do qual um se dá ao outro. Nesse ato, o ser humano faz de si uma coisa, que conflita com o direito de humanidade na sua pessoa.” (MS, 6:278)

No casamento, ambas as pessoas usam o outro como uma coisa, e essa reciprocidade é a única maneira de restaurar sua personalidade: “Há apenas uma condição sob a qual isso é possível: enquanto uma pessoa é adquirida pela outra como *se fosse uma coisa*, aquela que é adquirida adquire a outra por sua vez; pois assim cada um se recupera e restaura a sua personalidade”. (MS, AA 6: 278). É importante notar aqui que a restauração da personalidade não se dá porque o outro não é mais utilizado como meio, mas pela reciprocidade no uso enquanto coisa: a que foi adquirida como se fosse uma coisa adquire, por sua vez, o outro como coisa. Tal estaria de acordo com as leis jurídicas da razão pura.

O casamento teria como objetivo legalizar o uso recíproco do outro como coisa, não tendo como propósito a procriação, ainda que essa pudesse ser tomada como um fim da natureza:

A finalidade de gerar e educar filhos pode sempre ser um fim da natureza, para o qual foi implantado a inclinação dos sexos em relação ao outro, mas não é requisito para aqueles que casam fazer disso seu fim, para que sua união fosse compatível com o direito, porque se assim fosse, o matrimônio seria dissolvido quando a procriação cessasse.” (RL, 6: 278).

Considero que nesse ponto específico, da não consideração da procriação como fim do casamento, Kant é progressista, em que pese seus preconceitos em relação à exigência do casamento se dar com pessoas de sexo diferentes. A desconsideração do fim da natureza, a procriação, como aquilo que estabelece um fim jurídico, abriria espaço para a consideração do casamento homoafetivo, ainda que isso não estivesse no horizonte do século XVIII.

Um outro aspecto curioso é que o sexo não deixa de ser a utilização dos órgãos sexuais do parceiro/a, não havendo aí nenhuma menção em considerar o outro como fim em si mesmo. Discordo nesse aspecto das considerações de Verden, para a qual Kant defenderia que estar sexualmente atraído por alguém é querer sua pessoa e não apenas seu corpo, querer que o outro nos mostre sua ludicidade estética e criativa, que o outro se revele nas suas expressões criativas e espontâneas (Cf VARDEN, 2020, p.120). Considero que Helga Varden, nesse ponto, faz uma romantização que não é encontrada nos textos kantianos. Inclina-se, dessa forma, a uma negação da crueza do que Kant realmente diz: que a relação sexual é querer o corpo do outro. Penso que essa posição kantiana, em que pese sua aparente frieza, traria uma interessante contribuição à discussão contemporânea sobre objetificação.

OBJETIFICAÇÃO E USO INSTRUMENTAL FRACO

Ao discutir a objetificação nas relações íntimas, alguns filósofos, como Martha Nussbaum, no artigo *Objetification*, referem-se à ideia de que a objetificação é moralmente aceitável, apenas se considerarmos o outro em seus sentimentos e como pessoa.

Além disso, há uma ideia de que, na relação íntima, devemos considerar o outro não apenas como um meio, mas também como uma pessoa. Os críticos à instrumentalização do outro nas relações íntimas recorrem muitas vezes à fórmula da humanidade kantiana, segundo a qual se deve agir considerando o outro e a si mesmo, não apenas como meio, mas também como fim.

Na discussão sobre uso instrumental e objetivação, Patricia Marino, no texto “The ethics of sexual objetification: autonomy and consent” (MARINO, 2007), em oposição a Nussbaum, considera que podemos aceitar o uso instrumental fraco de uma pessoa, se ele vier acompanhado de um consentimento informado. Devemos condenar moralmente o “uso instrumental forte”, caso no qual não há consentimento, como no estupro ou no assédio sexual.

Acredito que Kant aceita o uso instrumental fraco, e a única maneira de evitar o uso instrumental forte é a posse recíproca do outro como coisa. E é disso que se trata o casamento.

Então, essa dupla e recíproca objetivação está de acordo com as leis de direito da razão pura. A diferença entre prostituição e casamento consiste no fato de que o casamento preserva o direito da humanidade na própria pessoa apenas acrescentando o aspecto contratual, o do direito de usar o outro por sua vez. Tanto o marido quanto a mulher têm o direito de usar os órgãos sexuais um do outro, e também têm o direito exclusivo de usá-los. Mas esse não é o caso, por exemplo, da prostituição, sendo essa uma das razões pelas quais Kant a condena.

O aspecto contratual preserva a humanidade do marido e da mulher, e a única possibilidade de tornar as relações sexuais uma relação segundo o princípio do direito é a garantia do uso exclusivo dos órgãos sexuais um do outro. Mas isso não implica que sua relação sexual se torne mais do que é: usar o outro como meio para o seu prazer. Claramente aqui se trata, na terminologia utilizada por Patricia Marino, de um uso instrumental fraco.

Poderíamos ampliar a perspectiva kantiana, permitindo outras situações no qual o uso instrumental fraco seria permitido. Uma possibilidade seria pensar no consentimento do uso recíproco dos órgãos sexuais, ao invés da instituição do casamento.

CONCLUSÃO: A LEGALIDADE DO USO INSTRUMENTAL FRACO

Fazer sexo com alguém é sempre usar o outro como um meio para seu prazer. Considero que essa concepção kantiana é progressista porque não submete o ato sexual a uma finalidade de reprodução.

Podemos considerar que no uso do outro como meio para o prazer sexual, se houver consentimento esclarecido, trata-se-ia, na classificação de Marino, de um uso instrumental fraco. Para Kant, uma objetivação fraca estaria de acordo com a lei do direito, desde que haja um contrato do uso recíproco do outro como coisa, um pacto que permita o *usus membrorum et facultatum sexualium alterius*. Minha sugestão é que possamos pensar outras formas de consentimento que não se limitassem ao contrato de casamento e que fizessem, desde uso recíproco, algo correto moralmente.

Assim, essa tentativa de destacar algumas características que Kant atribui à atividade sexual em humanos pode-nos auxiliar a determinar o que seria moral nas relações íntimas do mundo contemporâneo. Um kantismo além das amarras conservadoras do tempo ...

Resumo: Nesse artigo, analisarei a relação que Kant estabelece entre sexo e objetificação. Irei explorar dois pontos. Primeiramente, vou tentar localizar o lugar que a pulsão sexual ocupa. Mostrarei que, na *Antropologia do ponto de vista pragmático*, o sexo não está relacionado ao amor como afeto ou paixão. Em segundo lugar, mostrarei que fazer sexo com alguém é usar essa pessoa como meio, opondo-me às leituras que fazem de Kant um defensor da não objetificação do ato sexual. Por fim, mostro que a relação jurídica entre duas pessoas, através do casamento, torna ético o uso mútuo dos órgãos sexuais, ainda que ambos sejam utilizados como meio e não como fim em si mesmo.

Palavras-chave: sexo. amor. objetificação

Abstract: In this article I will analyze the relationship that Kant establishes between sex and objectification. I will explore two points. First, I will try to locate the place that the sexual drive occupies. I will show that, in *Anthropology from a pragmatic point of view*, sex is not related to love as affection or passion. Secondly, I will show that to have sex with someone is to use that person as a means, opposing readings that make Kant an advocate of the non-objectification of the sexual act. Finally, I show that the juridical relationship between two people, through marriage, makes the mutual use of sexual organs ethical, even if both are used as a means and not as an end in themselves.

Key-words: sex, love, objectification

REFERÊNCIAS / REFERENCES:

- KANT, Immanuel: *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. (GMS) *Gesammelte Schriften*. Band 4. Preussische Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)
- KANT, Immanuel: *Vorlesungen über Anthropologie*. *Gesammelte Schriften*. Band 25. Preussische Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)
- KANT, Immanuel: *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (Anth). Kants gesammelte Schriften. Band 7 (Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900-)
- MARINO, Patrícia: “The ethics of sexual objetification: autonomy and consent”. In: FORSTER, Gary (org). *Desire, love, and identity*. Ontario: Oxford University Press, 2017, pp. 98-105.
- NUSSBAUM, Martha: *Objetification*, In: Forster, Gary (org): *Desire, love, and identity*. Ontario: Oxford University Press, 2017. pp. 91-97
- VARDEN, Helga: *Sex, love and gender: a kantian theory*. Oxford: Oxford university Press, 2020.

NOTAS / NOTES

¹ Maria Borges é professora titular de filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Fez pós-doutorado na University of Pennsylvania, EUA (1999), na Humboldt Universität, Alemanha (2006) e na Columbia University, EUA (2014). É pesquisadora do CNPq. Publicou diversos artigos, incluindo «What can Kant teach us about emotions» (The Journal of Philosophy) e «Physiology and the Controlling of Affects in Kant’s Philosophy» (Kantian Review). Publicou os livros *Body and Justice* (Cambridge Scholars Publishing), *Emotion, Reason, and Action in Kant* (Bloomsbury, 2019). Também é autora dos livros: *História e Metafísica em Hegel*, *Amor, Atualidade de Hegel* e coautora de *Tudo o que você precisa saber sobre Ética* e coeditora de *Kant: Liberdade e Natureza/Kant: Freedom and Nature* (2005) e *Filosofia: Machismo e Feminismo*. Atua principalmente nos seguintes temas: idealismo alemão, ética kantiana, teoria das emoções e filosofia feminista.

Maria Borges is a Full Professor of Philosophy at the University of Santa Catarina (Brazil). She was Visiting Scholar at the University of Pennsylvania (USA), Humboldt Universität (Germany) and Columbia University (USA). She is researcher of the CNPq/Brazil. She published many articles, including “What can Kant teach us about emotions” (The Journal of Philosophy, 2004) and “Physiology and the Controlling of Affects in Kant’s Philosophy” (Kantian Review, 2008). She also published the book *Body and Justice* (Cambridge Scholars Publishing) and *Emotion, Reason, and Action in Kant* (Bloomsbury, 2019). She is also the author of the following books in Portuguese: *História e Metafísica em Hegel/History and Metaphysics in Hegel* (1998), *Amor/Love* (2004), *Atualidade de Hegel/Actuality of Hegel* (2008), co-author of *O que você precisa saber sobre Ética/All you should know about Ethics* (2003), and the co-editor of *Kant: Liberdade e Natureza/Kant: Freedom and Nature* (2005), and *Filosofia: Machismo e Feminismo/Philosophy: Sexism and Feminism* (EdUFSC, 2014). Her philosophical interests are German idealism, Kantian ethics, theory of emotions and feminist philosophy.

² Entre os temas sobre os quais Kant possui uma visão bastante conservadora, estão a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo (Cf. TL, AA 6:277), masturbação (Cf. TL, AA 6:425) e prostituição (Cf. TL, AA6: 278).

Recebido / Received: 07.01.2024

Aceito / Accepted: 01.02.2024

